

RELATO CRÍTICO SOBRE O ARTIGO¹

REDES TEMÁTICAS NA WEB E BIOSOCIABILIDADE ON-LINE

Sandra Portella Montardo

No artigo *Redes temáticas na web e biossocialidade online*, Sandra Montardo apresenta o resultado de sua investigação sobre a inclusão social de pessoas com deficiência auditiva na ambiência das redes sociais digitais. Em sua pesquisa, propõe identificar os padrões de socialização estabelecidos nestas redes por meio do uso de *blogs* pertencentes tanto aos portadores da deficiência como por aqueles que ela classifica como *informados*². Por meio de uma análise qualitativa desses *blogs*, a autora pretende investigar os limites e as possibilidades dessa ferramenta como suporte de socialização *online*.

Visando esses objetivos, Montardo discute alguns conceitos por considerá-los fundamentais para a realização de seu projeto de pesquisa³. Do mesmo modo, elege alguns procedimentos metodológicos que seriam, *a priori*, eficazes no processo de atingir os objetivos pretendidos. Os conceitos são os de biossocialidade, bioidentidades e rede temática; a metodologia escolhida é a conjugação da Análise de Redes Sociais (ARS) com a observação netnográfica dos *blogs*, aonde a autora irá, então, discutir as noções de capital social e a constituição de laços fortes e fracos nas redes. Quanto à escolha de sua metodologia, Montardo manifesta sua preocupação em utilizar um procedimento que permita contemplar os aspectos qualitativos dessas interações. Para isso se baseia nos vastos estudos empreendidos por Raquel Recuero (2005) sobre o campo das redes sociais digitais.

Dentre todas as abordagens possíveis sobre esse presente artigo, proponho uma discussão sobre os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, já que um dos desafios mais prementes nas pesquisas sobre redes sociais digitais se encontra justamente na aplicação de uma metodologia que dê conta do dinamismo, das apropriações diversas feitas por seus usuários, de sua estrutura descentralizada e multidirecional, assim como das transformações rápidas e recorrentes no meio digital. Acadêmicos de todas as partes do mundo têm entabulado discussões e reflexões sobre os limites, as dificuldades, as

¹ Relato crítico produzido por Larissa Soares Carneiro, mestranda da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).

² Segundo a autora, *informados* são as pessoas consideradas “normais” mas que desfrutam da intimidade com os portadores de deficiência, simpatizam com a sua situação e por isso são aceitos por essa comunidade.

³ Projeto de pesquisa intitulado Inclusão Social via socialização on-line de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE).

impossibilidades e as possibilidades geradas pelas metodologias disponíveis para o estudo das redes sociais⁴

Dentre os procedimentos metodológicos mais utilizados para o estudo das redes sociais *online* se encontram a ARS (ou SNA - *Social Network Analysis*), utilizada pela autora, a Teoria dos Grafos, Análise de Rede de Hyperlinks (ou HNA – *Hyperlink Network Analysis*) um desdobramento da ARS, e a netnografia, a observação etnográfica nas redes digitais, utilizada, geralmente, como uma ferramenta suplementar para dar suporte aos demais procedimentos metodológicos citados. De uma maneira geral, todos esses modelos tentam desenhar e visualizar uma rede que possa revelar o conteúdo qualitativo das relações e não somente um resultado quantitativo referente ao número de interações que porventura tenham ocorrido.

Como a metodologia selecionada para essa pesquisa foi a ARS, me atenho somente a ela para propor reflexões tanto sobre a sua eficácia quanto sobre os seus limites para que possamos avançar positivamente nos modos de sua aplicação em investigações futuras.

A ARS visa contemplar o aspecto qualitativo das relações a partir da investigação de sua organização (organização social), de sua estrutura (resultado das trocas empreendidas) e de sua dinâmica (as modificações sofridas pela rede com o passar do tempo). Parte do pressuposto que a relação entre os atores é tão ou mais importante que os atores em si. Sendo assim, o método foca sua atenção nos elos relacionais, ou seja, no tipo de relação que estabelece uma conexão ou troca de fluxos entre dois ou mais atores. Contempla, para isso, os graus de formalidade⁵, densidade⁶ e centralidade⁷ de uma rede a fim de determinar quais são os atores que apresentam um maior número de relacionamentos e, desse modo, de acordo com essa perspectiva, qual deles ocupa uma posição hierárquica superior em uma determinada rede estabelecida. Se somente um ator determina o direcionamento do fluxo comunicacional, a rede é caracterizada como centralizada; se todos os atores possuem o mesmo nível hierárquico, descentralizada. Quando os atores são de um mesmo tipo (como no caso do artigo relatado, composto por deficientes auditivos e informados), a rede é considerada unimodal. Do contrário, multimodal (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Os estudos contemplados pela ARS geralmente, dizem respeito ao poder de atores autônomos não-estatais e se baseiam na importante premissa de que as relações entre os atores

⁴Ler Raquel Recuero (2005), Stanley Wasserman e Katherine Faust (1994), Valdis E. Krebs (2002), Han Ho Park e Mike Thelwall (2008), Christian Fuchs (2009).

⁵ Formalidade refere-se à existência de regras, normas ou padrões de interações nas redes. Ler Wasserman e Faust (ano).

⁶ Densidade refere-se ao número de elos existentes. Ler Wasserman e Faust (ano).

⁷ Centralidade refere-se ao grau de centralização geral da estrutura da rede. Ler Wasserman e Faust (ano).

(no caso de *blogs* ou *websites*) podem ser analisadas por meio de suas relações mediadas pelo computador. Em outras palavras, partem do pressuposto que tanto a vida *offline* interfere na vida *online* como vice-versa. Assim, o mapeamento das interações *online* permitiria visualizar, também, as interações que ocorrem *offline*, na vida dita real-concreta (PARK e THELWALL, 2008).

Nesta pesquisa, Sandra Montardo analisou 11 *blogs*. Tinha como objetivo “indicar os tipos de conexão que as formam [as estruturas da rede], bem como os tipos de trocas que se estabelecem (...) que deduz o tipo de laço social (...) a partir da análise em conjunto do capital social implícito na postagem (...) e de sua correspondência ou não nos comentários” (MONTARDO, 2009, p.10). Dessa forma, comparando o conteúdo das postagens com o conteúdo dos comentários, a autora estabeleceu um critério para estabelecer quais seriam os laços fortes ou fracos nessa determinada rede social. Concluiu que a referida rede é bastante fragmentada, já que não há uma interação efetiva entre os *blogs* analisados e tampouco entre seus membros. Os *blogs* apareceriam, então, como unidades isoladas do que Montardo considera uma rede temática maior. A autora sugere que “em parte, a fragmentação da rede se deve à ausência dos arautos da Cultura Surda na *web*, pelo menos entre os *blogs* da amostra” (MONTARDO, 2009, p.13). E por fim afirma que muitos dos *blogs* pertencentes aos portadores de deficiência tampouco restringem seus assuntos a temas relacionados à deficiência auditiva, já que abarcam também temas ligados à vida cotidiana e privada dos autores.

O consultor, pesquisador, autor e criador de *softwares* direcionados para a análise de redes e organizações sociais *online*⁸ Valdis E. Krebs (2002), estudando as redes terroristas na ambiência digital chegou à conclusão que para desenhar o mapa de uma rede social que seja minimamente confiável é preciso ir além de seguir somente o fluxo da informação *online*, mas também açambarcar as comunicações ocorridas no mundo concreto, tais como encontros físicos, telefonemas, relacionamentos, fluxos financeiro, de material e de pessoas. Tendo como objeto empírico um exemplo extremo (redes terroristas), o autor aponta as dificuldades de prever o comportamento de uma rede e de construir um mapa que seja exato e completo. Afirma que de seus estudos empreendidos três foram os problemas encontrados para uma análise acurada acerca das redes sociais: 1) a sua incompletude, ou seja, a inevitabilidade de nós e ligações faltantes que os investigadores talvez jamais descubram; 2) os limites

⁸ O *software* InFlow é capaz de medir o fluxo de informações, as comunidades emergentes, as redes e outras formas de conexões dentro e entre as comunidades e organizações digitais. Informação disponível em: < <http://www.networkweaving.com/valdis.html> >. Acesso no dia 09 de maio de 2009.

ambíguos que se referem à dificuldade de precisar quem incluir ou excluir de uma determinada rede e, finalmente, 3) a sua dinâmica, já que as redes, por sua própria natureza descentralizada, estão em constantes mudanças. Em outras palavras, as dificuldades encontradas pelo autor dizem respeito justamente às características essenciais das redes sociais digitais, sejam elas quais forem. E, ousado afirmar, que são desses “problemas” encontrados que as redes sociais extraem sua força.

Krebs (2002) continua e argumenta que uma sombra sempre ronda essas pesquisas: a possibilidade concreta de construir uma rede que seja completamente inútil para efetuar análises que sejam confiáveis. Para ele, muitos dos fatores que determinam a força dos elos relacionais são as conexões prévias, *offline*, que não são facilmente mensuradas. Também a baixa intensidade de uma rede pode ser uma faca de dois gumes. Ela pode mascarar os contatos que estão realmente ocorrendo no mundo concreto. Nas redes terroristas pesquisadas, por exemplo, foram precisamente quando a rede digital apresentou uma de maior baixa de atividade *online* que os atores estavam se movimentando para a ação concreta na vida real.

Ainda segundo o autor (2002), as redes que fracassam na centralidade, ou seja, com baixo índice de centralidade, são precisamente aquelas que possuem uma capacidade de “falharem graciosamente” porque os danos que porventura são causados em algum nó, não conseguem provocar o colapso do fluxo de informação. Uma rede composta por laços fracos é, então, sob esta perspectiva, muito mais eficiente, duradoura e estável. No atentado de 11 de setembro, os laços que foram posteriormente considerados fortes ficaram inativos e/ou ocultos por muito tempo, enquanto diversos elos fracos (que mantinham contatos apenas ocasionais) deram o andamento ao plano em segredo. Já que eles comunicavam muito, as informações puderam, assim, ser melhores preservadas. Ao que tudo indica, essa foi uma estratégia intencional e pensada de modo a minimizar os danos causados, caso algum dos elos fosse descoberto.

Recordo aqui que Sandra Montardo aponta como uma possível causa da fragmentação da rede por ela pesquisada, a ausência de um líder. Em suas próprias palavras, de um Arauto da Cultura Surda. Pois em sua pesquisa Bergs (2002) concluiu que os grupos terroristas que se apresentavam mais coesos eram justamente aqueles que mantinham alguma forma de relacionamento íntimo também na vida *offline* (muitos dos seus membros haviam frequentado a mesma escola, alguns eram amigos de infância e outros já se conheciam intimamente circunstâncias variadas).

E então, suportada pelas questões levantadas tanto pela autora em seu artigo, quanto por outros autores, opto por não chegar a nenhuma conclusão. Ao invés disso, sugiro uma

série de questões que possam servir de base e ponto de partida para as nossas reflexões conjuntas. Na análise das redes sociais digitais, como precisar o modo com que os elos *online* se estabelecem e articulam os elos *offline* (ou mesmo outros *online*, tais como e-mails, listas de discussões e *websites*)? É possível afirmar que as redes sociais mediadas pelo computador já são um meio de inclusão social no mundo físico? As diferenças que conferem identidades aos atores – no caso, os portadores de deficiência auditiva – influenciam na estrutura de *hyperlinks* do site? Só isso é capaz de evidenciar um instrumento de inclusão ou exclusão social? E, afinal, o que de fato revelam as medidas de centralidade? São medidas confiáveis de credibilidade, reputação ou qualidade do conteúdo? Por que um determinado *hyperlink* é apontado ou não em um determinado blog? Se apontado, qual é o critério de escolha? *Blogs* que tratam sobre o mesmo tema mesmo quando não interagem efetivamente entre si podem ser considerados como parte de uma rede temática maior?

Se, de algum modo, as redes sociais digitais refletem as redes sociais *offline*, não seria passível aventar a possibilidade de que a comunidade de deficiência auditiva não constitui uma bioidentidade distinta que se relaciona a partir de suas diferenças físicas? Longe de fazerem parte de uma rede fragmentada, será que esses *blogs*, na realidade, não constituem nenhuma rede social? Eles pertencem a uma rede temática maior, voltada para a Causa Surda ou são tão somente *blogs* que, por um acaso, são alimentados por pessoas portadoras de necessidades especiais? Pessoas que, como qualquer outro ator considerado “normal” mantém um meio de expressão, não só de seus problemas físicos, mas também de sua vida cotidiana, afetiva e privada. Resumindo: esses *blogs* pesquisados constituem realmente uma rede biossocial digital constituída por agentes bioidentários?

REFERÊNCIAS

FUCHS, Christian. **Social Networking Sites and Surveillance Society**. Viena: Forschungsgruppe, 2009. Disponível em: < http://fuchs.icts.sbg.ac.at/SNS_E.html >. Acesso no dia 09 de maio de 2009.

FELLMAN, Philip Vos e WRIGHT, Roxana. **Modeling Terrorist Network: complex systems at the Mid-Range**. Disponível em: < <http://www.psych.lse.ac.uk/complexity/Conference/FellmanWright.pdf> >. Acesso no dia 09 de maio de 2009.

KREBS, Valdis E. **Uncloaking Terrorist Network**. First Monday. Volume 7. No. 4, Abril de 2002. Disponível em: < <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/941/863> >. Acesso no dia 09 de maio de 2009.

PARK, Han Ho e Park e Thelwall, Mike. **Rede de Hyperlinks: estudo da estrutura social na Internet**. In DUARTE et al (Org.) O Tempo das Redes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

WASSERMAN, Stanley e FAUST, Catherine. **Social Network Analysis: methods and applications**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.